

António Manuel Ribeiro Rebelo
Universidade de Coimbra

A exaltação da cidade – da Antiguidade à Idade Média

A exaltação das cidades na literatura tem as suas origens na Antiguidade Clássica, qualquer que seja a acepção grega e latina do conceito de cidade, a que poderemos acrescentar as designações que posteriormente foram criadas, já durante a Idade Média, como *castrum*, *castellum*, *burgus*... Para compreendermos devidamente o recurso ao encómio de cidades na literatura medieval, devemos recuar até às origens da literatura ocidental¹.

Na Antiguidade Grega

Entre as funções da poesia distinguiam-se, na Antiguidade, o louvor e a glorificação. Não é difícil encontrar sub-géneros líricos estreitamente relacionados com este tipo de códigos semântico-pragmáticos. É nesse sentido que também um dos géneros poéticos mais antigos, a poesia épica, poderá ser considerada sob a mesma perspectiva. Já no que diz respeito à prosa, o louvor só surge no séc. V a. C.

Quem era objecto do louvor? Platão afirma que “em matéria de poesia, só se devem admitir na cidade hinos aos deuses e encómios aos varões honestos”². Mas, na prática, as possibilidades eram muito variadas: deuses e deusas, heróis, figuras mitológicas, reis e outro tipo de soberanos, soldados mortos em combate, os defuntos, em geral, os

¹ Sobre o louvor da cidade na Antiguidade Clássica, na Antiguidade Cristã e na Idade Média, vd. Wilhelm Gernentz, *Laudes Romae: dissertatio inauguralis ... scripsit Guilelmus Gernentz. Rostochii, 1918*; William Hammer, *Latin and German encomia of cities. a dissertation...* Chicago, 1937; Eugen Giegler, *Das Genos der Laudes urbium im lateinischen Mittelalter. Beiträge zur Topik des Städtelobes und der Stadtschilderung*. Bayerische Julius-Maximilians-Universität Würzburg, 1953; E. Kienzle, *Der Lobpreis von Stadt und Ländern in der älteren Griechischen Dichtung*. Diss. Basel, 1963; Paul Gerhard Schmidt, “Mittelalterliches und humanistisches Städtelob”, *Wölfenbütteler Abhandlungen zur Renaissanceforschung* 1 (1981) 119-128. Carl Joachim Classen, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und Laudes urbium in der antiken und mittelalterlichen Literatur bis zum Ende des 12. Jahrhunderts* (=Beiträge zur Altertumswissenschaft 2). Hildesheim, 1986; J. K. Hyde, ‘Medieval descriptions of cities,’ in *Literacy and its Uses*, ed. Daniel Waley. Manchester, 1993, pp. 1-32.

² Platão *República* 607a, na tradução de Maria Helena da Rocha Pereira in *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. Organização e tradução do original por Maria Helena da Rocha Pereira. Porto, 2003.

vencedores de certames atléticos, os habitantes de uma cidade e até seres inanimados³. Muitos destes tópicos propiciavam, por sua vez, o louvor de outros temas que lhes estavam associados. Por exemplo, o louvor de Palas Atena facilmente cedia lugar ao elogio da cidade e respectivos habitantes de que ela era protectora; o elogio fúnebre não podia deixar de louvar a terra ou cidade natal do falecido – e o inverso também acontecia. O elogio da cidade estava intimamente ligado ao elogio dos cidadãos, o elemento fulcral daquela. O ser humano era originalmente o objecto principal do elogio. Ora, a cidade só tinha significado enquanto pólo da actividade humana e era nessa qualidade que o elogio passava a ser também extensivo à cidade⁴.

De uma forma geral, as referências na literatura grega de exaltação à cidade consistem, tanto na poesia, como na prosa, na descrição da cidade e no seu louvor público, no qual se incluem os seus habitantes. Por vezes, a descrição resulta tão laudatória ou o elogio encontra tantas vezes a sua confirmação no processo descritivo que se torna difícil, na prosa, distinguir o elogio da descrição propriamente dita.

C. J. Classen sintetiza toda esta complexidade e indefinição da seguinte forma: “Descrições, mas também encómios de cidades encontramos-os mais tarde por todo o lado: na poesia épica, na poesia trágica, em discursos políticos, em discursos judiciais, em várias formas de literatura informativa e finalmente na literatura epidíctica ou panegírica que associa o louvor de uma pessoa ao da sua pátria ou ao da cidade que fundou, ou que transforma o próprio louvor da cidade em objecto e o complementa com observações sobre os feitos de todos os seus habitantes ou de um único, do fundador, de um soberano, de um santo ou de um mártir”⁵.

Os recursos retórico-estilísticos mais utilizados no louvor de uma coisa ou pessoa consistem em discorrer sobre os aspectos positivos ou as características mais notáveis e consequentemente mais aprazíveis de algo ou de alguém e em estabelecer a comparação com outras pessoas ou coisas, pois o objecto do louvor deverá primar pela excelência sobre outros objectos equivalentes em, pelo menos, uma característica. Ora, quem descreve não se limita a um processo objectivo de *ekphrasis*, mas procura elencar e seriar características relevantes, dignas de referência, salientando acima de tudo o aspecto qualitativo, digno de louvor, que se reflecte sobretudo na selecção dos adjectivos. De resto, limita-se a confrontar o desconhecido com a realidade conhecida.

³ Um exercício de retórica muito comum consistia na elaboração de um discurso laudatório em honra de pessoas que menos possibilidades tinham de alguma vez serem objecto de um louvor – um tirano, uma prostituta, um assassino – ou meros seres inanimados, como o sal ou o fumo.

⁴ Quintiliano dirá mais tarde que as cidades devem ser louvadas da mesma forma que as pessoas: *Laudantur autem urbes similiter atque homines* (*Institutio Oratoria* 3.7.26). Com esta afirmação, Quintiliano reconhece implicitamente a união intrínseca destes dois conceitos: a cidade enquanto realidade decorrente da actividade humana. Dois séculos depois, o retor grego Menandro, teorizador do género laudatório, insistirá nesta ideia de pólis enquanto comunidade de cidadãos, logo, os tópicos do louvor dos homens são os mesmos que devem ser aplicados às cidades. Daí as analogias entre a região e o corpo humano, entre pólis e pessoa, a expressão “dar voz à cidade” e toda a evolução posterior do género, que culminará na Idade Média com a importância que os poemas passam a atribuir às actividades humanas (ofícios, artes, cargos,...), as quais são justamente analisadas numa perspectiva social.

⁵ C. J. Classen, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und Laudes urbium in der antiken und mittelalterlichen Literatur bis zum Ende des 12. Jahrhunderts* (=Beiträge zur Altertumswissenschaft 2). Hildesheim, 1986, p. 5.

No fundo, as técnicas básicas do discurso narrativo e do laudatório são idênticas. Daí que, muitas vezes, não seja perfeitamente claro se um autor pretende apenas descrever uma cidade ou se também a deseja louvar.

Lembremos que o louvor pertence ao *genos epideiktikon* que encontra correspondência, em latim, no *genus demonstratiuum*. Como os elogios eram pronunciados em ocasiões festivas perante grandes ajuntamentos de pessoas, que em grego era significado pelo termo *panegyris*, o discurso laudatório passou a ser designado por *panegyrikos logos* ou, de uma forma abreviada, simplesmente por *panegyrikos*. No séc. III a. C., este termo passou a significar todo o discurso festivo ou ostentativo. Com o tempo, *panegyrikos* e *enko(o)mion*⁶ passaram a ser sinónimos e o *genos epideiktikon* passou a ser também designado por *genos panegyrikon* ou *genos enkomiaстикon*⁷.

Aristóteles preconizava que o objecto do louvor fosse o belo (*to kalon*), i.e. tudo o que *per se* fosse desejável e tudo o que fosse bom. A virtude consiste na prática do bem e no poder de adquirir e preservar o que é bom. Tudo o que gera virtude e tudo quanto provém da virtude é belo⁸. A felicidade compõe-se de vários elementos. Dois deles, a origem nobre e a bênção de bons filhos, são explicados por Aristóteles na situação concreta da pólis: uma cidade tem origens nobres, se os primeiros dos seus habitantes se tornaram famosos como chefes e se muitos dos seus descendentes se notabilizaram pelas suas distintas qualidades; uma cidade goza da bênção de bons filhos, se a juventude numa cidade é numerosa e boa – boa de corpo (grande, bela, forte e em boas condições físicas) e boa de espírito (moderada e corajosa)⁹. Os mesmos considerandos, que devem ser tomados em conta no que diz respeito ao louvor do homem, também devem ser aplicados ao louvor de seres inanimados¹⁰. Aristóteles distingue *enkomion* de *epainos*: o último põe a tónica na virtude de alguém; o primeiro é dedicado exclusivamente a feitos relevantes e pode ser muito breve.

Platão no *Menéxeno*, considera que o louvor dos soldados caídos em combate deve seguir a ordem da vida: a excelência da sua origem, a qualidade da sua educação e formação, e só então se deve demonstrar como os seus feitos e acções estão em conformidade com os primeiros¹¹. “Ao louvarmos a terra, continua Platão, que é a sua mãe, também louvamos a excelência da sua raça (*eugeneia*)”¹². Desta forma, o

⁶ A palavra *encómio* significava inicialmente o ‘canto de vitória’ que era cantado no próprio local do sucesso bélico. Só mais tarde passou a designar o ‘canto à glória de alguém’ ou o elogio *tout court*. Já Platão utilizava o termo *enkomion* aplicado ao louvor de uma cidade (*Menéxeno* 235d). O profundo estudo de Georgius Fraustadt (*Encomiorum in Litteris Graecis usque ad Romanam Aetatem Historia*, Leipzig, 1909) sobre esta questão continua válido.

⁷ Sobre esta questão, remetemos também para A. Cizek. “Zur Bedeutung der *topoi enkomiaстикoi* in der antiken Rhetorik”, in: D. Breuer, H. Schanze (edd.), *Topik. Beiträge zur interdisziplinären Diskussion*. München, 1981, pp. 33-41. Para o tema que nos interessa, vd. Iguualmente V. Buchheit, *Untersuchungen zur Theorie des Genos Epideiktikon von Gorgias bis Aristoteles*. München, 1960.

⁸ Cf. Aristóteles, *Rbet.* 1366a-b.

⁹ Cf. Aristóteles, *Rbet.* 1360b-1361^a.

¹⁰ Cf. Aristóteles, *Rbet.* 1366a. Nem todos os especialistas se revêem nesta aplicação final do Estagirita, pois será sempre discutível considerar a *polis* um ser inanimado...

¹¹ Platão, *Menéxeno*, 237a-b.

¹² Platão, *Menéxeno*, 237c. Convém não esquecer que, entre os Gregos, a identificação pessoal estava intimamente associada à origem familiar da pessoa e à origem geográfica, designadamente a

reconhecimento é recíproco: o autor que elogia a sua cidade natal, louva-se a si próprio, pois foi ela que esteve na origem da sua educação; a cidade, por seu lado, orgulha-se dos seus poetas porque encarnam o resultado mais tangível da formação cultural ministrada pela cidade, na acepção mais vasta do seu conceito¹³.

Do ponto de vista formal, o louvor da cidade ocorre de forma muito passageira, bastando para isso um simples adjectivo, um epíteto, toda uma frase ou até um período. Mas há também exemplos de encómios de cidades que constituem por si só uma composição literária independente. As primeiras composições poéticas inteiramente consagradas ao louvor da cidade eram epigramas, vocábulo que etimologicamente significa ‘inscrição’, ‘gravação’¹⁴. E, na verdade, encontramos já no séc. VI a. C. hexâmetros e, um pouco mais tarde, dísticos elegíacos em cerâmica, em inscrições votivas, túmulos, epitáfios ou qualquer outro tipo de monumentos fúnebres, pois, como afirmava Simónides de Ceos a “pedra tumular não a destruirá o bolor, nem o tempo que tudo vence”¹⁵.

É perfeitamente natural que este tipo de inscrições glorifique os autores dos votos ou os defuntos. O elogio de uma pessoa, viva ou defunta, passa impreterivelmente pela referência às suas origens¹⁶. Em clave laudatória, não é de admirar a facilidade com que o louvor da terra natal do homenageado, sobretudo no caso de um elogio fúnebre, evoluía para um encómio mais específico à cidade e, finalmente, adquiria autonomia numa composição independente, de exclusiva dedicação a uma localidade. Portanto, os encómios de cidades tiveram certamente a sua origem nos panegíricos de pessoas, os quais, por sua vez, terão estado associados aos elogios fúnebres, quando, como lembra Simónides de Ceos, “o pranto se torna elogio”¹⁷. Em Atenas, por exemplo, onde o conceito de pólis era dos mais abrangentes, ao fazer-se um elogio fúnebre aos soldados caídos, era inevitável elogiar-se simultaneamente a cidade¹⁸.

Em que aspectos deveria incidir o elogio das cidades? Podemos dizer, de forma muito breve, que os antigos teorizadores salientavam os seguintes tópicos, entre outros:

cidade natal. Já na época homérica o indivíduo era identificado pelos seus progenitores e pela origem da cidade. Cf. e.g. *Iliada* 9.170; *Odisseia* 6.325 ou 10.325, entre outros.

¹³ Já Plínio, o Moço, lamentava a falta de reconhecimento da cidade para com os escritores que a elogiavam, independentemente de estes daí serem naturais ou não, concluindo amargurado que “depois que deixámos de praticar actos dignos de louvor, também passámos a considerar inadequado o louvor” (*Nam postquam desimus facere laudanda, laudari quoque ineptum putamus*). Cf. Plínio, o Moço, *Epistulae*, 3.12.3.

¹⁴ Sobre a origem e a evolução do epigrama, vd. Gerhard Pfohl (ed.), *Das Epigramm. Zur Geschichte einer inschriftlichen und literarischen Gattung*, Darmstadt, 1969.

¹⁵ Frg. 26 Page, na tradução de Maria Helena da Rocha Pereira in *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. Organização e tradução do original por Maria Helena da Rocha Pereira. Porto, 2003.

¹⁶ No caso específico do discurso fúnebre, podiam distinguir-se três partes essenciais: o louvor do defunto, seguindo-se-lhe, consoante a situação, uma lamentação ou uma exortação aos vivos para imitarem o defunto, e terminava com palavras de consolação.

¹⁷ Frg. 26 Page. Sobre a história do elogio fúnebre, vd. N. Loraux, *L'invention d'Athènes. Histoire de l'oraison funèbre dans la "cité classique"*. Paris, 1981.

¹⁸ Na descrição de Tucídides, Péricles transforma um discurso fúnebre em honra dos que tombaram no ano de 431 num louvor da cidade de Atenas.

1. a localização (junto ao mar, num monte, num porto, numa baía, numa acrópole, a posição geográfica relativa...);
2. a origem (os fundadores, deuses, heróis ou humanos, os primeiros habitantes, a antiguidade, a razão do seu surgimento...)
3. capacidades ou qualidades (a administração, a ciência, as artes, as actividades...);
4. feitos (a justiça, o modo de agir para com os deuses, a piedade, a moderação, a sabedoria, a fortaleza...).

Quanto aos recursos retórico-estilísticos, uma das características mais importantes dos encómios era já o recurso à prosopopeia e à apóstrofe.

Na literatura grega, encontramos logo em Homero o elogio de cidades, quer de forma simples e abreviada, nos epítetos que adornam os nomes de cidades, quer, por exemplo, na descrição da cidade dos Feaces no livro VI da *Odisseia*. Píndaro louva, nas suas odes, algumas das cidades donde são oriundos os atletas vencedores. Olímpia, sede dos jogos olímpicos, também é apostrofada e louvada como rainha da verdade. Os dramaturgos gregos gostam de introduzir encómios a Atenas ou a partes específicas do seu território. Não é de estranhar que Atenas garanta a sua predilecção uma vez que as peças teatrais se destinavam a ser representadas na pólis ateniense.

Muitos outros autores gregos, incluindo os prosadores, dirigem encómios a esta ou àquela cidade. Todavia, composições poéticas exclusivamente redigidas com essa finalidade só as encontramos na Antologia Palatina. Dos cerca de quatro milhares de epigramas que constituem esta antologia, 5 dezenas podem ser considerados encómios de cidades *stricto sensu*. Há ainda 16 poemas que fazem o elogio de uma cidade, embora esse não seja o seu tema principal.

Podemos analisar este *corpus* de 66 epigramas à luz dos tópicos neles representados:

1. *localização*: em 35 poemas, há referências à localização (junto ao mar, sobre os montes, no interior, junto a um rio...);
2. *condições naturais*: este tópico ocorre em 38 composições (fertilidade dos campos, flora e fauna, dimensões do território...);
3. *origem*: está presente em 51 epigramas (história da cidade, fundação, cidadãos famosos, artistas, políticos ou personagens míticas, motivos mitológicos...);
4. *qualidades*: ocorre apenas em 19 poemas (o amor pelas artes, ciências, ofícios, desporto, a beleza dos seus habitantes...);
5. *virtudes*: são cantadas em 48 epigramas (moderação, justiça, sapiência, fortaleza);
6. *comparação*: em quase todas as composições o autor recorre a uma ou outra forma de comparação (de uma cidade com outra que lhe é equivalente na glória, em riqueza, poder ou grandeza; o contraste entre o *olim*, o passado, e o *nunc*,

- o presente, da mesma cidade, um dos grandes tópicos da Antiguidade e Idade Média, sobretudo aplicado à cidade de Roma¹⁹, também já aqui é recorrente);
7. *personificação*: está presente em 26 epigramas (sem ser sob a forma de apóstrofe ou de prosopopeia²⁰);
 8. *apóstrofe*: ocorre 40 vezes (o poeta dirige-se a um forasteiro²¹, a uma cidade ou a outra personalidade qualquer);
 9. *prosopopeia*: em 19 casos, é a cidade que dirige a palavra ao leitor; noutras situações, são as vítimas de tremores de terra, os sobreviventes de catástrofes naturais ou os cidadãos em geral que tomam a palavra.

Na Antiguidade Romana

Na literatura latina predomina, como não podia deixar de ser, o elogio da capital do império²². Os prosadores recorrem às personagens dos seus textos para elogiar Roma, que é o mesmo que exaltar o povo romano, o império romano, a civilização romana – os adjetivos falam por si! Os tópicos já enunciados para os encômios da Antologia Palatina são aqui novamente explorados por um dos mestres da oratória latina, Cícero: o fundador e a origem do nome da cidade, bem como o processo de fundação, a frescura das fontes, a segurança das muralhas e das colinas, a excepcional localização geográfica e os benefícios estratégicos e económicos – mas também morais – daí resultantes; não foi por acaso, diz-nos Tito Lívio pela boca de Camilo, que homens e deuses elegeram aquele local para aí fundarem a cidade que viria a

¹⁹ Vd. Wilhelm Gernentz, *Laudes Romae*: dissertatio inauguralis ... scripsit Guilelmus Gernentz. Rostochii, 1918, p. 33. Aliás, a obra de Gernentz, ao confrontar os encômios de Roma com os preceitos retóricos, demonstra que os tópicos das *laudes urbium* já estavam perfeitamente estabelecidos na Antiguidade Romana. Gernentz baseia-se sobretudo na teoria de Menandro. Sobre a decadência de Roma, vd. Bernhard Kytzler (ed.), *Roma aeterna. Lateinische und griechische Romdichtung von der Antike bis zur Gegenwart*. Zürich-München, 1972, 357-388 e Walter Rehm, *Der Untergang Roms im abendländischen Denken: ein Beitrag zur Geschichte der Geschichtsschreibung und zum Dekadenzproblem*. Reprograf. Nachdr. d. Ausg. Leipzig 1930. Darmstadt, 1966.

²⁰ No caso das gravações funerárias, a pedra que recebia a inscrição assumia-se como que porta-voz ou mesmo um *alter ego* do defunto.

²¹ Recordemos que, como na Antiguidade os mortos eram sepultados fora da cidade, ao longo dos caminhos e vias públicas, os epigramas e epitáfios das lápides funerárias e das inscrições tumulares e dos cenotáfios eram dirigidos aos viajantes. Assim se explica o recurso frequente à apóstrofe.

²² Remetemos sobretudo para o já citado estudo de Wilhelm Gernentz, *Laudes Romae*: dissertatio inauguralis ... scripsit Guilelmus Gernentz. Rostochii, 1918. Note-se, todavia, que um dos mais famosos e mais influentes elogios de cidades é dedicado à cidade de Roma, mas é redigido em grego: trata-se do *Enkhômion eis Rômên* de Élio Aristides (um aristocrata grego da Mísia de meados do séc. II da nossa Era), que James H. Oliver considera um “cosmological hymn and a hymn of praise for the ideal state” (*The Ruling Power: a study of the Roman Empire in the second century after Christ through the Roman oration of Aelius Aristides* Transactions of the American Philosophical Society; N.S., 43,4). Philadelphia, 1953, p. 874).

ser capital do mundo e centro do império²³. Vitrúvio retoma e sintetiza as ideias-chave dos dois prosadores²⁴.

Mas o Arpinate também recorre à descrição para louvar a cidade. Impressionante exemplo disso é a sua descrição de Siracusa, que ele considera a maior e mais bela de todas as cidades Gregas²⁵.

Plínio, o Antigo, na sua *Naturalis Historia*, faz geralmente anteceder a descrição das cidades de um breve elogio. Ao tratar dos materiais de construção não resiste a elogiar as maravilhas monumentais de Roma. O Naturalista conclui a sua obra enumerando todos os motivos por que se deve elogiar uma cidade ou uma terra, uma síntese com objectivo bem definido: o de justificar que a Itália reúne todas as qualidades para ser considerada a terra mais bela e mais rica do mundo²⁶.

Na poesia, a tradução da Odisseia para latim por Lívio Andronico introduziu na literatura latina os *epitheta ornantia* nos encômios de cidades²⁷. Na épica, a *descriptio* também se adequa ao louvor (in)directo de uma cidade. Na sua *Eneida*, por exemplo, Virgílio alonga-se na descrição de Cartago por várias dezenas de versos (1.418 sqq). Outros poetas latinos louvaram ocasionalmente uma cidade ou uma região²⁸.

Todavia, no que diz respeito aos encômios de cidades na Antiguidade Romana, a composição literária privilegiada é o epigrama, ainda que o seu número não seja muito significativo²⁹. Mas outros subgéneros se lhe seguirão.

²³ Vd. Cícero, *De Republica* 2.2-6 e 4-11, e Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita* 5.54. A segurança proporcionada pelas características geográficas, mas sobretudo pelas fortificações erigidas pela mão humana eram um tópico muito antigo. São proverbiais os muros de Tróia ou as muralhas de Micenas, compostas de pedras colossais, que os Antigos pensavam ser obras dos gigantes Ciclopes. As sete colinas e o rio Tibre foram sempre muito louvados por fornecerem uma protecção natural extraordinária à capital do império romano. A sinergia da protecção natural associada ao engenho humano das muralhas tornava a cidade eterna quase inexpugnável. Ao longo dos séculos, autores vários fizeram alusão e até rasgados elogios à complementaridade destas características: desde as referências virgilianas, nas *Geórgicas* (2.534-535) e na *Eneida* (6.783), imitadas por Claudiano, às de autores mais tardios como Ausónio e S. Paulino de Nola, sendo, no entanto, o exemplo mais famoso logo o do início da *Eneida* (1.7) em que Virgílio transfere para a nova Tróia uma das mais famosas qualidades da antiga cidade teucra: “altae moenia Romae” (vd. Wilhelm Gernentz, *Laudes Romae*: dissertatio inauguralis ... scripsit Guilelmus Gernentz. Rostochii, 1918, p. 50, Michael Roberts, “Rome Personified, Rome Epitomized: Representations of Rome in the Poetry of the Early Fifth Century”, *American Journal of Philology* 122.4 (2001), 533-565 e, já relativamente à Idade Média, E. R. Curtius, *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*. Bern, 1973, p. 166). Roma estava menos exposta aos corsários e demais invasores por se localizar ligeiramente no interior, mas dispunha de todos os benefícios económicos de uma cidade costeira (comparável às cidades dos Fenícios e Cartagineses) por distar pouco do mar e ser servida por um rio que rapidamente transformava o comércio fluvial em comércio marítimo.

²⁴ Vitrúvio 6.1.10-11.

²⁵ Vd. Cícero, *In Verrem* 2.4.117-119.

²⁶ Vd. Plínio, o Antigo, *Naturalis Historia*, 36.24 e 37.77.

²⁷ Só para se ter uma ideia no que diz respeito à cidade de Roma, vd. Adrianus Van Heck, *Breviarium Urbis Romae Antiquae: viatorum in usum*. Lugduni Batavorum, 1977; Bernhard Kytzler (ed.), *Roma aeterna. Lateinische und griechische Romdichtung von der Antike bis zur Gegenwart*. Zürich-München, 1972.

²⁸ Vd. e. g. Lucrécio 6.1-6, Catulo 31 e 67, Horácio, *Carmina* 1.7 e 2.6 ou *Epistulae* 1.10, 1.14 e 1.16, Tibulo 2.5, Propércio 3.11, 3.21 e 3.22, 4.1 ou Ovídio (cf. Wilhelm Gernentz, *Laudes Romae*: dissertatio inauguralis ... scripsit Guilelmus Gernentz. Rostochii, 1918, p. 103 sq).

²⁹ Séneca, por exemplo, mas sobretudo Marcial foram cultores deste tipo de encômios.

Importa aqui referir que a um retor grego de nome Menandro, do séc. III d. C., são atribuídos dois tratados que constituem a melhor fonte da Antiguidade que chegou até nós sobre o louvor da cidade³⁰. O segundo e terceiro livros do primeiro dos tratados que lhe são atribuídos teorizam sobre o louvor das regiões e das cidades (RhGr 3, 346 15 sqq). É aí que se encontram registados os tópicos que servirão daí em diante³¹ de guia teórico para os encómios de cidades. É Menandro que sistematiza quase 3 dezenas de tópicos repartidos por quatro grupos fundamentais: a posição geográfica (*thesis*), a origem (*genos*), as qualidades (*epitêdeuseis*) e os feitos (*praxeis*)³². Os tópicos do primeiro grupo pertenciam ao louvor das regiões; os dos três últimos, ao louvor dos homens.

Um poeta latino desta mesma época, Ausónio, legou-nos um ciclo de 14 poemas dedicados ao louvor de 17 cidades que ele considera serem as mais importantes do mundo antigo (*Ordo urbium nobilium*). A selecção obedece a critérios materiais (importância política e administrativa da cidade, o peso demográfico e económico, a densidade das relações comerciais com o resto do império, favorecida por uma implantação numa rede rodoviária, fluvial ou marítima) e estéticos (belezas naturais e arquitectónicas, com um verdadeiro fascínio pelo elemento aquático: nascentes, fontes, lagos, ribeiros, rios e o mar).

Só alguns dos epigramas exploram o tópico do confronto entre o passado e o presente. Em nenhum deles a palavra é concedida à própria cidade. Noutros géneros poéticos faz-se maior uso do contraste entre os tempos de outrora e a actualidade, mas as cidades continuam sem tomar a palavra, à excepção de Roma, que, ao ser transformada na deusa Roma, faz uso da fala. O mesmo se diga do próprio rio Tibre. Aliás, a parte de leão dos passos líricos com encómios de cidades diz respeito a Roma. Além disso, surgem novos motivos: a visita guiada pela cidade, o homem do campo que não conhece a cidade...

A predição *a posteriori* da glória e grandeza de Roma (o chamado *uaticinium post euentum* ou *uaticinatio post euentum*) é, para muitos autores, a forma preferida de louvor. Roma possui vários títulos que não deixam de ser explorados³³. Alguns dizem

³⁰ Menandro é habitualmente citado pela edição dos *Rhetores Graeci* (3 329-446), dirigida por Leonard Spengler (Leipzig, 1856), mas há uma edição mais recente de D. A. Russell, Nigel Guy Wilson, *Menander Rhetor. Ed. with Translation and Commentary*. Oxford, 1981. Vd. Ainda Francisco Romero Cruz, *Menandro, sobre los géneros epidicticos*. Introducción, traducción y notas por... Salamanca, 1989. Sobre a problemática da autoria e do número de tratados, vd. D. A. Russell, Nigel Guy Wilson, *Menander Rhetor*. Oxford, 1981, pp. xxxiv-xl; J. Soffel, *Die Regeln Menanders für die Leichenrede. In ihrer Tradition dargestellt, herausgegeben, übersetzt und kommentiert*. Meisenheim am Glan, 1974; Mario Talamanca, "Su alcuni passi di Menandro di Laodicea relativi agli effetti della *Constitutio Antoniniana*", *Studi in onore di Edoardo Volterra* (Pubblicazioni della Facoltà di giurisprudenza dell' Università di Roma). 6 vols. Milano, 1971, vol. 5, pp. 434-560, particularmente 463-466 e 522-529.

³¹ E até no Renascimento, quando a sua obra for redescoberta e traduzida para latim (vd Pernille Harsting, "The Work of Menander Rhetor in the Italian Renaissance: The First Translation?" *Res Publica Litterarum* 14 (1991) 69-73, *Idem*, "The Golden Method of Menander Rhetor. The Translation and the Reception of the PERI EPIDEIKTIKON in the Italian Renaissance." *Analecta Romana Instituti Danici* 20 (1992) 139-57).

³² Sem querermos desenvolver demasiado esta matéria, remetemos para o primeiro esquema que referimos *supra*.

³³ Remetemos novamente para Adrianus Van Heck, *Breviarium Urbis Romae Antiquae: viatorum in usum*. Lugduni Batavorum, 1977, e Bernhard Kytzler (ed.), *Roma aeterna. Lateinische und griechische Romdichtung von der Antike bis zur Gegenwart*. Zürich-München, 1972.

respeito à cidade, outros ao império romano, outros ainda a ambos, designadamente o conceito indissociável de *urbs-orbis*. O palíndromo *Roma-amor* é um aspecto muito querido³⁴, sobretudo quando o autor se despede de Roma³⁵.

Quanto à selecção da cidade objecto de encómios, a preferência dos poetas vai naturalmente para Roma, mas seguem-se várias outras cidades do império romano, designadamente na Itália, na Espanha, em França, sobretudo as suas cidades natais.

A associação da glória do poeta à da sua cidade natal é um motivo que surge, pela primeira vez, na poesia latina (cf. as designações de “o Mantuano”³⁶, “o Arpinate”, “o Sulmonense”, “o Veronense”, etc.)³⁷, embora a preocupação das cidades em

³⁴ Sidónio Apolinar transmite-nos um palíndromo perfeito com recurso à oposição Roma-amor: *Roma tibi subito motibus ibit amor* (*Epistulae*, 9.14.4)

³⁵ Vd. e. g. Rutilio Namaciano 1.179-204. Michael Roberts compara a situação descrita por Rutilio à do amante que observa a amada afastar-se, como sucede em Ovídio e em Venâncio Fortunato (vd. Michael Roberts, “Rome Personified, Rome Epitomized: Representations of Rome in the Poetry of the Early Fifth Century”, *American Journal of Philology* 122.4 (2001), p. 550 e n. 41).

³⁶ Foi Apuleio o primeiro a designar Virgílio por “Mantuanus poeta”. Três séculos mais tarde, Macróbio chamá-lo-á apenas “Mantuanus” e assim ficou para a posteridade.

³⁷ São, muitas vezes, os próprios poetas que se orgulham da sua cidade natal e a louvam. Ovídio é muito explícito neste caso (*Amores* 3.15.7-14):

Mantua Vergilio, gaudet Verona Catullo;
Paelignae dicar gloria gentis ego,
quam sua libertas ad honesta coegerat arma,
cum timuit socias anxia Roma manus.
atque aliquis spectans hospes Sulmonis aquosi
moenia, quae campi iugera pauca tenent,
'Quae tantum' dicat 'potuistis ferre poetam,
quantulacumque estis, vos ego magna voco.'
Rejubilá Mântua com Virgílio, Verona com Catulo;
que digam de mim que sou a glória do povo peligno,
a quem a sua liberdade obrigou a pegar em armas por boa causa,
quando Roma receou, angustiada, uma coligação de tropas.
E que um qualquer visitante, ao contemplar as muralbas de Sulmona
De mil águas, muralbas que poucos palmos de terra vedam,
Possa dizer: “Vós, que tão grande poeta fostes capazes de criar,
por pequenas que sejais, grandes é o que vos chamo”.

(Tradução de Carlos Ascenso André: *Ovídio. Amores*. Tradução, introdução e notas de... Lisboa, 2006). Marcial (1.61) segue as pisadas do Sulmonense:

Verona docti syllabas amat uatis,
Marone felix Mantua est,
censetur Aponi Liuio suo tellus
Stellaque nec Flacco minus,
Apolodoro plaudit imbrifer Nilus,
Nasone Paeligni sonant,
duosque Senecas unicumque Lucanum
facunda loquitur Corduba,
gaudent iocosa Canio suo Gades,
Emerita Deciano meo:
te, Liciniane, gloriabitur nostra,
nec me tacebit Billilis.
Verona ama os versos do seu douto poeta,

reivindicarem para si o berço de gloriosos poetas já fosse anterior, como demonstra o exemplo homérico³⁸.

O renascimento da cidade é outro tópicos frequente. Recordemos o estatuto de Roma enquanto nova Tróia, um dos principais objectivos visados pela diegese virgiliana da *Eneida*. Mais tarde será Constantinopla a reivindicar o papel de uma nova Roma, apesar de as circunstâncias políticas e religiosas gerarem uma rivalidade indistigável nas obras de poetas e de historiadores, que mais não procuravam senão ora exaltar uma, ora humilhar outra. Quanto a este aspecto, Santo Agostinho não deixa de dar o seu contributo para a consolidação do antigo e do novo paradigma: Tróia é a mãe do povo romano (*De Ciuitate Dei* 1.4) e Constantinopla é uma filha de Roma (*De Ciuitate Dei* 5.25)³⁹. Se Paulino de Nola exalta Constantinopla como uma segunda Roma⁴⁰, já Ausónio, na referida obra *Ordo urbium nobilium*, a havia excluído de qualquer competição com Roma, relegando a capital do Oriente para o segundo lugar onde rivaliza com Cartago.

Os santos patronos (que substituem os deuses protectores da cidade), as reliquias dos mártires e as sedes episcopais podem ser considerados, respectivamente, como novos fundadores e novos fundamentos de uma cidade renascida pelas águas baptismais do Cristianismo. O exemplo mais conhecido entre nós para o renascimento da cidade através da transferência da sede episcopal é o caso do topónimo da cidade de Coimbra: depois de o bispo conimbricense ter abandonado Conímbriga em favor da localização mais estratégica de *Aeminium*, levou consigo o topónimo original da

*Mântua é feliz com o seu Marão,
A terra de Ápono é conbecida pelo seu Lívio,
Por Estela e não menos pelo seu Flaco,
é a Apolodoro que o imbrífero Nilo aplaude,
é com Nasão que ressoam os Pelignos ,
Dos dois Sénecas e do único Lucano
Fala a fécunda Córdova.
Rejubila com o seu Cânio a jocosa Cádiz,
Mérida com o meu caro Deciano;
De ti, Liciniano, se gabará
E de mim não se calará a nossa BÍlbilis.*

³⁸ Tal como Platão advogava para os soldados também o poeta devia muito da sua glória às suas origens, aos seus antepassados e à educação que recebera. Era nesse sentido que prestigiava a sua cidade natal.

³⁹ Certamente por força do pragmatismo com que redigiu a sua *De Ciuitate Dei*, Santo Agostinho não sente grande entusiasmo em louvar a cidade eterna: assiste à sua decadência e justifica-a com a preguiça que se apoderou dos Romanos, algo que nada tem a ver com o que se passou nas guerras púnicas. É claramente o tópico do contraste entre os gloriosos valores do passado e a decadência de costumes do presente, uma forma hábil e eficaz de desvalorizar as críticas pagãs da falta de protecção dos deuses antigos: é no ser humano e na falência ou degeneração das suas capacidades e virtudes que deve ser procurada a causa das desgraças atribuídas à adesão ao Cristianismo.

⁴⁰ S. Paulino de Nola, *Carmina* 19.338: *magnae caput aemula Romae*. Palavras idênticas já haviam sido proferidas por Claudiano mas com o sentido oposto: *urbs etiam magnae quae ducitur aemula Romae* (*In Rufinum* 2.54). Aliás, Claudiano e Amiano Marcelino, que alia a antítese “velha Roma” vs. “nova Roma” à oposição entre a “velha religião” e a “nova religião”, eram residentes romanos, mas naturais de Alexandria e Antioquia, respectivamente, duas grandes cidades do Oriente ofuscadas do panorama internacional e cultural com a fundação da pólis constantiniana. Gavin Kelly, “The new Rome and the old: Ammianus Marcellinus’ silences on Constantinople”, *The Classical Quarterly* 53 (2003) 588-607.

sua sede, fazendo esquecer por completo o nome desta segunda localidade, abafado pela poeira dos séculos.

Na Antiguidade Cristã

Nos encômios da literatura cristã, mantém-se a preferência por Roma, mas os motivos são agora outros: a poderosa senhora do mundo, como lhe chama S. Jerónimo⁴¹, construiu os seus novos fundamentos sobre o sangue dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo⁴². Assim o afirma Santo Ambrósio no seu hino *Apostolorum passio (Ad festum ss. Petri et Pauli Apostolorum)*. Paulino exalta a cidade de que S. Félix é patrono, Nola, colocando-a em segundo lugar, logo após Roma, cidade outrora primeira pelo poder e pelas armas e que detinha então a primazia graças aos túmulos dos Apóstolos⁴³. A capital da Cristandade é mesmo comparada por Fulgêncio à Jerusalém celeste⁴⁴. Prudêncio, por outro lado, dá voz aos Cristãos que consideravam que Roma tinha passado por uma refundação da responsabilidade do Criador⁴⁵. Esta ideia de Roma, cidade dos apóstolos, culmina no séc. X com a redacção daquele que é provavelmente o mais conhecido poema dedicado a Roma: *O Roma nobilis*⁴⁶. Aliás, nas *descriptions*

⁴¹ S. Jerónimo, *Aduersus Iouinianum* 2.38: *urbs potens, urbs orbis domina, urbs Apostoli uoce laudata.*

⁴² Cf. Prudêncio, *Peristephanon* 12 dedicado a S. Pedro e S. Paulo, cujos túmulos se encontram divididos pelo Tibre, cada um em sua margem, como baluartes do Cristianismo, que, por sua vez, o santificam, numa perspectiva cristã. Como bem salienta Michael Roberts (“Rome Personified, Rome Epitomized: Representations of Rome in the Poetry of the Early Fifth Century”, *American Journal of Philology* 122.4 (2001), pp. 558 sq), o *Tybris sacer* de Prudêncio retoma o carácter sagrado que Virgílio lhe atribui na *Eneida* (8.72: *flumine sancto*), não já num papel activo de divindade pagã, mas sim numa recepção passiva, pois a sua santidade advém-lhe das relíquias dos apóstolos. Todo o espaço urbano de Roma, incluindo os diversos aspectos topográficos mais relevantes, está definitivamente cristianizado. Não deixa de ser significativo que Prudêncio inicie cada um dos dois livros da obra que pretende celebrar a Roma cristã – *Contra Symmachum* – com um prefácio dedicado a um dos grandes apóstolos, os dois grandes sustentáculos tangíveis dessa nova realidade. Vd. também V. Buchheit, “Christliche Romideologie im Laurentius-hymnus des Prudentius” in *Polychronion: Festschrift Franz Dölger zum 75. Geburtstag*, ed. Peter Wirth. Heidelberg, 1966, pp. 121-144; Remo Cacitti, “*Subdita Christo seruit Roma Deo*: Osservazioni sulla teologia politica di Prudentio”, *Aeuum* 46 (1972) 402-435.

⁴³ S. Paulino de Nola, *Carmina* 13.30: *nunc et apostolicis terrarum est prima sepulchris*. Sobre a comparação de Nola com Roma, cf. Beat Näff, “Paulinus von Nola und Rom”, in *Studia Patristica*, vol. 33: *Papers presented at the Twelfth International Conference on Patristic Studies...* ed. Elizabeth A. Livingstone. Louvain, 1997, pp. 448-453.

⁴⁴ Segundo o biógrafo do santo, Ferrand de Cartago, na *Vita sancti Fulgentii* 9: *...quam speciosa potest esse hierusalem caelestis, si sic fulget Roma terrestri*!

⁴⁵ Vd. Prudêncio, *Peristephanon* 2.415 sqq. O Papa Leão Magno, ao afirmar categoricamente que S. Pedro e S. Paulo *sunt sancti patres tui uerique pastores*, declara formalmente que a antiga Roma foi definitivamente substituída pela nova Roma cristã, pois são eles os novos pais da pátria – o título *pater patriae* era habitualmente atribuído a Rómulo (vd. Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita* 1.16.3 e 5.49.7) – e são eles os novos pastores, palavra com um sentido bem cristão, mas que, neste caso específico, remete para a actividade pastorícia de Rómulo e Remo. Vd. sobre esta questão Philip A. McShane, *La Romanitas et le Pape Léon le Grand: l'apport culturel des institutions impériales à la formation des structures ecclésiastiques*. Tournai, 1979, pp. 109-169 e Hervé Inglebert, *Les Romains chrétiens face à l'histoire de Rome: Histoire, christianisme et romanités en Occident dans l'Antiquité tardive (III-V^e siècles)*. Paris, 1996, pp. 635-638.

⁴⁶ Vd. Horst Kusch, *Einführung in das lateinische Mittelalter* Bd. 1 Dichtung. Darmstadt, 1957, p. 200, e Walter Rehm, *Europäische Romdichtung*. München, 1960, p. 34.

urbium os autores dão particular relevância a relíquias sagradas do género de pedaços do Santo Lenho, cravos ou sangue de Cristo e, por outro lado, aos túmulos e relíquias de santos e mártires. Ora, esta tendência mais não é senão uma tentativa de estabelecer o paralelo da cidade em causa com Jerusalém, na primeira situação, e com Roma, no segundo caso, tal como Constantinopla havia rivalizado neste plano com a cidade eterna, por forma a alcançar maior prestígio.

Se a origem da cidade na Antiguidade Clássica era nobilitada pelos seus mais ilustres filhos (fundadores, deuses, heróis, generais, artistas, filósofos, poetas...), a partir da Antiguidade Cristã são cantados os protagonistas do novo tipo de heroísmo: os mártires, os ascetas, numa palavra, os santos⁴⁷.

A Roma cristã disputava a liderança mundial com Constantinopla. A actividade hagiográfica promovida pelo Papa Dâmaso (séc. IV) – que redigiu e mandou gravar nas sepulturas do mártires muitos elogios fúnebres em versos latinos –, aliada ao culto prestado aos mártires romanos tinha objectivos claramente políticos, pois visava conferir maior autoridade espiritual à cidade eterna por oposição à nova capital do Império que possuía a residência do poder político desde o ano de 325: Constantinopla.

Como esta cidade não tinha relíquias de mártires, passou a importá-las. O fenómeno da *translatio* ter-se-ia iniciado nessa época. A presença de relíquias ocasionava o surgimento de literatura hagiográfica: se não havia *Vitae*, para celebrar o santo local, redigiam-se, pelo menos, *Translationes*. Quanto a posse de relíquias de santos populares contribuía para o prestígio da cidade e da diocese local demonstra-o, no séc. VI, o caso das relíquias dos *principes Apostolorum*, S. Pedro e S. Paulo. O imperador bizantino Maurício recorreu à diplomacia de sua esposa, a imperatriz Constantina, para impetrar do Pontífice Romano, Gregório Magno, algumas das relíquias dos príncipes dos Apóstolos. Apesar de Bizâncio já possuir as relíquias de Santo André, irmão de S. Pedro, estas não tinham o mesmo peso que as de qualquer um dos outros dois santos. Gregório Magno, porém, aquando de uma longa estadia em Constantinopla, conhecera bem a diplomacia da corte bizantina e, numa carta endereçada à imperatriz, soube esquivar-se a este pedido, preservando, assim, o prestígio ímpar da velha metrópole e a popularidade universal (católica e ecuménica, nos respectivos sentidos etimológicos) granjeada já a partir do séc. IV com as inúmeras peregrinações provenientes dos diversos quadrantes da Cristandade (ROMarias)⁴⁸. Nesta fase, os encómios de cidades, sobretudo quando fazem alusão a Constantinopla, não conseguem evitar a comparação com Roma. As relíquias de André, irmão de Pedro, e de Timóteo, discípulo de Paulo, constituem o verdadeiro contraponto de prestígio religioso, cultural e político às dos dois maiores apóstolos do Cristianismo, de que Roma era detentora; elas são, no dizer de Paulino de Nola, as torres gémeas da cidade de Constantinopla⁴⁹.

⁴⁷ Cf. Michael Roberts, *Poetry and the Cult of the Martyrs: the Peristephanon of Prudentius*, Ann Arbor, 1993.

⁴⁸ Vd. Michael Roberts, "Rome Personified, Rome Epitomized: Representations of Rome in the Poetry of the Early Fifth Century", *American Journal of Philology* 122.4 (2001), pp. 555 sqq com referências literárias em S. Jerónimo, Prudêncio e Claudiano sobre as turbas que inundavam Roma nas festas dos mártires e dos apóstolos.

⁴⁹ S. Paulino de Nola, *Carmina* 19.337: *geminis ita turribus exstat / Constantinopolis...*

Concluindo, a partir dos autores cristãos, os encômios de cidades substituem os deuses protectores pagãos pelos santos, bispos, abades e respectivas relíquias ou túmulos, cuja posse confere à cidade elevados índices de protecção, adicional à das muralhas⁵⁰, mas contribui também para a enaltecer e valorizar, no plano nacional e até internacional, do ponto de vista religioso e cultural, com todos os benefícios políticos e económicos que lhe estão associados. Os milagres dos santos passam a integrar os relatos dos feitos dos cidadãos. A cidade tem como núcleo central não os templos pagãos, mas as igrejas (catedrais), muitas delas erguidas sobre o pódio dos antigos templos e é em torno dos novos templos, alguns deles concebidos como verdadeiras fortalezas, que a cidade se desenvolve. Tal como o edifício principal da cidade é a sua igreja, também a personalidade mais importante é o seu bispo. Ao transferir a sua sede (catedral) o bispo detém o poder de fazer deslocar a cidade, pois é ele o garante político-religioso da sobrevivência ou continuidade da cidade. Com ele, desloca-se toda uma comunidade religiosa, todo um séquito de clérigos e de leigos, na generalidade, servidores. Se o bispo tiver fama de santidade e vier a ser declarado santo, maior será o prestígio da cidade, como a História demonstrou no caso de Tours, que, durante séculos e antes de os interesses se virarem para Santiago de Compostela e para a Terra Santa, foi o segundo maior centro de peregrinações na Europa, logo a seguir a Roma.

Na Idade Média

Na literatura latina medieval, há uma grande tendência para comparar ou equiparar os burgos medievais a determinadas cidades importantes da Antiguidade Greco-romana. Algumas como Constantinopla, Aix-la-Chapelle, Trier, Milão, Reims ou Pavia recebem o título de *Roma noua* ou *Roma secunda* (por vezes *altera Roma*)⁵¹.

Já a expressão *secunda Athenae* ou *altera Athenae* denuncia não intenções políticas, mas valores científico-culturais, embora, por vezes, os valores culturais sirvam os

⁵⁰ S. Paulino de Nola é bem explícito quando afirma que os corpos dos apóstolos André e Timóteo reforçam as muralhas de Constantinopla com uma protecção espiritual (*Carmina* 19.335-336) a exemplo do que acontece em Roma com a presença das relíquias dos apóstolos Pedro e Paulo (*Carmina* 19.339-342), intercessores eficazes dos habitantes de Roma (*Carmina* 21.33-34). Cf. Michael Roberts, "Rome Personified, Rome Epitomized: Representations of Rome in the Poetry of the Early Fifth Century", *American Journal of Philology* 122.4 (2001), pp. 553 sq., e o exemplo aí referido de Prudêncio que atribui os mesmos poderes a Santa Inês, ainda que o túmulo desta mártir esteja situado fora dos muros de Roma.

⁵¹ Muitos são os exemplos da aplicação deste título na Antiguidade. O conceito era inicialmente pejorativo e denotava as tentativas desleais de cidadãos romanos que tentavam transferir a capital do império para outro lugar em detrimento de Roma (vd. P. Ceausescu, "Alterata Roma: Histoire d'une Folie Politique", *Historia* 25 (1976) 79-107). Cícero, por exemplo, receava que Cápua se tornasse uma *altera Roma* (*De lege agraria* 2.86). Porfírio (*Carmina* 4.6) enaltece Constantinopla recorrendo ao mesmo título, deixando daí em diante de ter uma conotação depreciativa. Ausónio, por exemplo, na já referida obra *Ordo urbium nobilium*, tem uma perspectiva já bem diferente de Cápua (vd. Joseph A. Guttilla, "Dalla Capua di Ausonio (*Roma altera quondam*) alla Nola di Paolino (*post urbem titulos sortita secundus*)", *Journal of Early Christian Studies*, 12.4 (Winter 2004) 523-536). Posteriormente, este título não só foi aplicado a capitais de impérios, como passou a ser aplicado também a cidades de grande poderio político e económico, ou monumentalmente imponentes e com um passado ilustre. Sobre a sua utilização na Idade Média, vd. William Hammer, "The Concept of the new or second Rome in the Middle Ages", *Speculum* 19 (1944) 50-62.

objectivos políticos⁵². Carlos Magno teve a larga visão de aliar os valores culturais aos interesses políticos, pois a uniformidade gráfica, litúrgica e mesmo bíblica, preconizada pelo Renascimento Carolíngio, conferia maior coesão cultural e consequentemente política ao seu império, tão vasto e tão heterogéneo que era, reforçando, assim, o sentimento de identidade cultural e social dos Francos.

No seu palácio de Aix-la-Chapelle, Carlos Magno não se limita a criar uma escola palatina, fornecida de uma boa biblioteca, para formação das elites religiosas e leigas. Sob a direcção do beneditino inglês Alcuíno, seu “ministro da educação e cultura”, Carlos Magno institui uma academia palatina, com nove membros, tantos quantas as musas, que, sendo a primeira do género, serviria de modelo para todas as academias ocidentais⁵³. Aí eram discutidas questões filosóficas, religiosas literárias e tecnológicas, declamavam-se poemas, pronunciavam-se discursos. Não admira, pois, que, segundo as palavras de Alcuíno, o grande impulsionador do Renascimento Carolíngio, a capital do império Aix-la-Chapelle não só se tornaria uma “nova Atenas”, como também havia de superar a antiga academia, pois se “a antiga Atenas, que só possuía como instrução a doutrina [pagã] de Platão, florescia graças às sete artes liberais” com maior razão se justificaria que a “nossa Atenas”, valorizada com os sete dons do Espírito Santo e nobilitada pela doutrina de Cristo, suplantasse toda a sabedoria terrena⁵⁴.

A comparação com Atenas enquadra-se geralmente na relação entre a cidade e o ensino, a ciência e as letras. Ao considerar Atenas a “mãe e ama das artes liberais e de tantos e tão grandes filósofos” concluindo que “a Grécia não possui nada mais ilustre e mais nobre do que isso”⁵⁵, já Santo Agostinho havia dado um impulso decisivo para perpetuar esta noção ao longo dos séculos da Cristandade. Basta pensarmos na nossa “lusa Atenas”, ainda que haja outros grandes centros de ensino louvados por esse motivo específico sem qualquer alusão a Atenas⁵⁶. Há, por exemplo, um poema do famoso

⁵² Entre os exemplos de cidades contempladas com estes títulos encontram-se os de Regensburg (MGH SS 11 355) e de Liège (PL 143 888-889), respectivamente.

⁵³ Entre os ilustres académicos estavam Paulo Diácono, Paulino de Aquileia e Pedro de Pisa. Cada membro tinha um nome inspirado nas literaturas antigas e na história universal: Carlos Magno, por exemplo, era David, Alcuíno optara pelo nome de Horácio (Flaco), Eginardo intitulava-se Bezalel (o construtor da Arca da Aliança), mas não faltavam um Homero, um Píndaro, nem um Ovídio.

⁵⁴ Estas afirmações são feitas por Alcuíno numa carta endereçada a Carlos Magno em 799. Vd. MGH *Epistolae Karolini Aevi* II, Ep. 170, edd. Wilhelm Gundlach, Ernestus Dümmler & Karl Hampe, Berlin, 1895. Sobre esta questão da nova Atenas, remetemos para M. L. Alberi, “Alcuin and the ‘new Athens’”, *History Today* 39.9 (1989) 35-41 e Richard E. Sullivan, *Aix-la-Chapelle in the Age of Charlemagne*, Univ. of Oklahoma Press, 1963, pp. 31-2, 150. Gozequino de Liège viria mais tarde, em meados do séc. XI, a insistir neste tópico da oposição entre as artes liberais imbuídas de um paganismo platónico e a nobreza de uma outra Atenas inspirada pela religião cristã (cf. PL 143, 888-889).

⁵⁵ Santo Agostinho, *De Civitate Dei* 18.9: mater ac nutrix liberalium doctrinarum, et tot tantorumque philosophorum, qua nihil habet Graecia clarius atque nobilium.

⁵⁶ É o caso, por exemplo, da cidade de Bolonha (Guido de Basochis, *Liber epistularum*, ed. H. Adolffson, Stockholm, 1969), da de Paris (Jean de Jandun in A. J. V. Le Roux de Lincy et L. M. Tisserand (edd.), *Histoire générale de Paris*, Paris, 1867, pp. 1-79 apud C. J. Classen, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und Laudes urbium in der antiken und mittelalterlichen Literatur bis zum Ende des 12. Jahrhunderts* (=Beiträge zur Altertumswissenschaft 2). Hildesheim, 1986, pp. 64 e 119, n. 413) ou da de Mainz (Philipp Jaffé, *Bibliotheca rerum Germanicarum*, 6 vols. Berlin, 1864-73. (reimpr, Aalen, 1964)., vol. 3, pp. 568-603).

Hugo Primaz de Orleães em louvor da cidade de Amiens (*Ambianis, urbs predives*). Nesse poema, é a cidade de Reims que louva a de Amiens. Mas imediatamente a coloca no devido lugar: Amiens é filha de Reims. O louvor transfere-se para o da cidade de Reims, que é exaltada até ao céu devido à sua idade avançada, mas sobretudo pela excelente qualidade do seu ensino cristão⁵⁷.

Muitos foram, pois, os centros culturais urbanos que os autores medievais quiseram fazer ombrear com a ilustre cidade grega. Um desses centros foi Bamberg, cuja catedral foi inaugurada no 39º aniversário do futuro imperador Henrique II, a 6 de Maio de 1012. Para comemorar esse acontecimento, o primeiro abade do mosteiro beneditino de Seon, o abade Gerardo, compôs um poema em louvor da cidade de Bamberg. Além dos tópicos da refundação por Henrique II e pelo bispo local, da referência à presença das santas relíquias e aos santos locais, o abade Gerardo enaltece o centro cultural que era Bamberg naquela época. Começando por a equiparar à cidade bíblica de Cariat Séfer⁵⁸, logo estabelece uma comparação profunda com Atenas:

Non minus ista Sepher Cariath cluet arte scienter,
Inferior stoicis nequaquam maior Athenis
In cuius laribus gladium dat diva duabus
Mater natabus, quo findant nexile corpus
Particulas per sex, quibus extat tertia iudex⁵⁹.
Partibus adiectis et sic crescentibus offis
Quadrivio mensas trivium proponit amicas⁶⁰.
*Não menos ilustre na arte da ciência é esta Cariat Séfer,
que não é de modo algum inferior aos estóicos e maior do que Atenas.
Nos seus lares, a divina mãe entrega a espada às suas duas filhas,
para elas dividirem o seu corpo entrelaçado em seis partes mais pequenas,
exercendo sobre elas a terceira filha o papel de juiz.
Juntas as partes lado a lado, enquanto as massas informes assim cresciam,
o Trívio põe amigavelmente a mesa ao Quadrívio.*

Na Idade Média europeia, os encômios de cidades dos sécs. VIII a IX do Norte da Itália dão seguimento à tradição da retórica antiga. Na Alemanha e na França, nessa mesma época, as cidades só são exaltadas no âmbito da igualmente tradicional digressão amplificadora, i. e. integradas numa obra mais extensa, como, por exemplo,

⁵⁷ Vd. Hugo de Orleães apud K. Langosch (ed.), *Hymnen und Vagantenlieder*, Darmstadt, 21958, pp. 298 sq. Excepcional aqui é o jogo de palavras entre *scola* e *scala*, dando a entender que a escola é a escada que nos conduz ao céu.

⁵⁸ A cidade veterotestamentária de Cariat Séfer, nas terras de Canaã era importante, segundo os relatos bíblicos, pela água, bem essencial para a pastorícia e agricultura (Jos 15, 15). Todavia, a comparação de Bamberg, com a sua escola catedral, é meramente etimológica, pois Cariat Séfer significa “cidade de livros”. Também a escola catedral de Bamberg foi provida de uma valiosa biblioteca e se assumiu como centro cultural importante do império.

⁵⁹ A mãe divina é a Ciência. As duas filhas são a Filosofia e a Gramática. A terceira filha, que desempenha o papel de juiz, é a Teologia.

⁶⁰ O texto encontra-se publicado, entre outros, em O. Meyer, “Kaiser Heinrichs Bamberg-Idee im Preislied des Gerhard von Seon”, *Fränkische Blätter für Geschichtsforschung und Heimatpflege* 3 (1951) 75-78.

a vida de um santo ou de um bispo, ou um poema laudatório inserido numa obra em verso ou em prosa.

Alcuíno, por exemplo, faz anteceder um poema seu sobre os bispos de Iorque de uma descrição da cidade⁶¹. O secretário de S. Tomás Becket quis homenagear o seu mestre, três anos depois da sua morte, com um *monumentum aere perennius*. Não se contentou em redigir uma biografia do ilustre arcebispo, mas fê-la anteceder da descrição de uma cidade, não a de Cantuária, como se esperaria, mas de Londres, a cidade natal do mártir e simultaneamente do seu fiel secretário⁶².

O louvor da cidade natal de alguém era, na Antiguidade, uma parte do panegírico ou da biografia dessa pessoa. Nas hagiografias medievais o encómio de cidades detém igualmente essa função. Já no séc. VI esse encómio se havia tornado parte imprescindível de qualquer hagiografia, como evidencia uma pequena observação do hagiógrafo Eugípio na sua carta-dedicatória à biografia de S. Severino:

Sane patria, de qua fuerit oriundus, fortasse necessario a nobis inquiritur, unde, sicut moris est, texendae cuiuspiam uitae sumatur exordium. De qua me fateor nullum euidens habere documentum.

Em todo o caso, devemos talvez procurar conhecer a sua pátria, saber de que região é que ele terá vindo, para com isso se dar início à redacção da vida de alguém, como é costume. Mas devo confessar que, acerca disto, não tenbo nenhuma indicação clara.

O costume de, na *vita* de um santo, de um bispo ou de um abade, se inserir um canto de louvor ou uma descrição da cidade natal do biografado ou da cidade onde ele mais milagres operou, onde exerceu o seu múnus, consoante o caso, perdura ao longo da Idade Média, mesmo nas hagiografias versificadas. E quando falamos em hagiografias referimo-nos a toda a variedade de obras que habitualmente integram o subgénero hagiográfico, muito particularmente as *translationes*. Não só as hagiografias, mas também as obras de natureza historiográfica e biográfica incorporam muitas vezes descrições de cidades⁶³ – e lembremos que, na literatura medieval, nem sempre é possível distinguir entre o louvor e a descrição de uma cidade⁶⁴.

⁶¹ Vd. Ernst Duemmler (ed.), *Poetae Latini aevi Carolini* (Monumenta Germaniae Historica: [Antiquitates]. [1.] Poetae Latini Medii Aevi = Die lateinischen Dichter des deutschen Mittelalters; 1). Bd. 1 [Nachdr. d. Ausg. 1881]. Berlin, 1964, pp. 169-206.

⁶² Sobre toda esta questão, remetemos para Carl Joachim Classen, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und Laudes urbium in der antiken und mittelalterlichen Literatur bis zum Ende des 12. Jahrhunderts* (=Beiträge zur Altertumswissenschaft 2). Hildesheim, 1986, *passim*, e bibliografia aí referenciada. Classen também menciona o caso idêntico do poema anónimo *De Mediolano Ciuitate* (pp. 38 sqq).

⁶³ Sobre as descrições na literatura medieval, vd. Hennig Brinkmann, *Zu Wesen und Form mittelalterlicher Dichtung*. Halle, 1928, pp. 54-68 e 106-184. Quanto à sua presença na historiografia medieval, vd. Hans Joachim Witzel, *Der geographische Exkurs in den lateinischen Geschichtsquellen des Mittelalters*. Frankfurt a. M., Univ., Diss., 1952, 36-48, 102-110.

⁶⁴ Cf. C. J. Classen, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und Laudes urbium in der antiken und mittelalterlichen Literatur bis zum Ende des 12. Jahrhunderts* (=Beiträge zur Altertumswissenschaft 2). Hildesheim, 1986, p.65: “Zwar ist es weiterhin nicht immer möglich Stadtlob und Stadtbeschreibung zu trennen, vielmehr finden sich mannigfach variierte, auch vermischte Spielarten beider Grundtypen in der Poesie und Prosa, die bald stärker rühmend, bald eher beschreibend entsprechend den jeweiligen Absichten des Autors, ausführlich oder knapp gestaltet, diesen oder jenen Aspekt herausstellen, jedoch alle im Rahmen der überlieferten Regeln bleiben, deren Rahmen sie sogar nicht einmal ausfüllen.”.

Fora disso, os louvores de cidades, geralmente sob a forma de *descriptiones urbium*, abundam sobretudo na literatura de cruzadas, de viagens e de peregrinações. Os pios propósitos dos seus autores encontram o seu reflexo na valorização de determinados locais e edifícios citadinos, que eles descrevem, enumeram ou registam como visitados: igrejas, mosteiros, túmulos de santos, bispos e mártires, monumentos ou lugares importantes para a Cristandade, relacionados com santos, mártires, com passagens bíblicas ou simplesmente com lendas cristãs.

Nos sécs. X e XI, há uma ligeira alteração: escrevem-se poemas que pretendem evidenciar as cidades enquanto expoentes de determinados conceitos – o centro do mundo, a capital. Por conseguinte, o louvor da cidade deixa de ser uma finalidade em si, para passar a ser a expressão de uma ideia relacionada com o avultar de sentimentos imperialistas, suscitados pelo florescimento e consolidação da corte do imperador germânico. Roma, por exemplo, deixou de representar a cidade em si, para simbolizar o império, o poder, a cultura e a civilização romana que se espraia pela *Romanitas*.

Nos sécs. XI e XII, alguns poetas introduzem uma forte carga de subjectividade ao manifestarem o seu mais íntimo sentir acerca de determinadas cidades, dando lugar a duas correntes no encómio de cidades: uma mais tradicional e outra mais subjectiva.

Nesta época, a Europa é favorecida por inovações de diversa espécie sobretudo de natureza tecnológica. A produção agrícola aumentava, o comércio intensificava-se e a população crescia. As gentes fixavam-se na cidade e eram fundadas novas cidades. Todavia, os encómios de cidades pouco ou nada reflectem destas mudanças, ainda que, por vezes, possam ser uma fonte preciosa de informações sobre a vida quotidiana, as tradições religiosas e culturais. O poeta torna-se ainda mais subjectivo e assume-se na primeira pessoa. Acentuam-se as referências ao intercâmbio comercial entre as cidades. O ensino é, como já vimos, outro dos pólos de interesse.

Datam desta época alguns dos mais célebres encómios de cidades. Hildeberto de Lavardin, bispo de Le Mans, compôs por volta de 1106 dois famosos poemas dedicados a Roma⁶⁵. No primeiro, o autor fala-nos, num tom quase fúnebre, das ruínas da antiga Roma. No segundo, concede a palavra à nova Roma, à Roma cristã recorrendo à prosopopeia. A velha Roma está definitivamente esquecida e superada pela nova realidade.

Par tibi, Roma, nihil cum sis prope tota ruina

Quam magni fueris integra, fracta doces

Igual a ti, Roma, não há nada, ainda que te encontres à beira da total ruína

Agora que estás quebrada é que revelas quão grande havias sido, quando estavas inteira,

(Hildeberto de Lavardin, *Carmin. Min. 36, De Roma*, v. 1-2)

Dum simulacra mihi, dum numina vana placerent

Militia, populo, menibus alta fui. ...

Vix scio que fuerim, vix Rome Roma recordor,

⁶⁵ Cf. Walter Rehm, *Europäische Romdichtung*. München, ²1960, 43-61 e 251-253.

Vix sinit occasus vel meminisse mei
Enquanto imagens de deuses e enquanto ídolos vão me agradavam
Fui grande devido ao meu exército, ao meu povo e às minbas muralbas.
Mal sei quem eu fui, mal eu me consigo, ó Roma, recordar de Roma
Mal me deixa a minba queda sequer que eu pense em mim.

(Hildeberto de Lavardin, *Carmin. Min. 36, De Roma*, v. 1-2, 7-8)

A cidade de Londres é louvada num poema anónimo desta época. O autor coloca a ênfase na descrição do rio Tamisa e no comércio intensivo que aí se praticava. O autor anónimo dirige-se à cidade recordando a vivacidade das cenas do dia-a-dia, gravadas na sua memória por ocasião de uma visita. Faz a enumeração de vários aspectos que testemunham a riqueza da cidade, descreve a sua aparência sem igual. Seguidamente dirige-se ao leitor:

Istic invenies venalia tanta, quod omnes
expositas merces vix sibi mundus emat.
Dicere quid quaeras tuus est labor: elige quod vis,
et quod nullus habet, venditor illud habet.

Tamensis fluvius muris allabitur, inde
in mare fert dulcis defluus amnis aquas.
Fit maris exorsus, qui dum fluvialibus undis
obviat, hospitibus morigeratur aquis.

*Aí encontrarás tantos produtos à venda, que o mundo mal
consegue comprar, tais são as mercadorias que aí se encontram expostas*
Diz-me lá o que procuras: escolhe o que quiseres (tens muito por onde escolher)
mesmo o que mais ninguém tiver, tem-no aí o vendedor/mercador.

*O rio Tamisa chega até aos muros, daí
escorre uma suave corrente levando para o mar a sua água.*
*Torna-se o início do mar e quando este se encontra com as ondas do rio
é complacente com as águas hospitaleiras.*

A poesia vagante também envereda, nos sécs. XII e XIII, por sátiras a Roma, visando sobretudo as atitudes e práticas de alguns clérigos de Roma. Predominam a paródia, as alusões e jogos de palavras. A oposição entre a imagem da antiga Roma (pagã ou cristã) e a realidade da época são as principais armas de poetas como Walter de Châtillon.

O contraste entre o passado e o presente é explorado pelos *Carmina Burana* no que diz respeito à matéria troiana. Tróia é o exemplo mais acabado de como uma cidade célebre, ilustre, antiga, rica e feliz pode ser aniquilada de um momento para o outro por uma *femina fatalis* (cf. CB 102). O solo sagrado da cidade transforma-se em campos de pastagem para vacas ou em covis de animais selvagens.

Milão, que no séc. IV, no tempo de Santo Ambrósio e do imperador Teodósio, chegou a ser a capital do Império Romano do Ocidente, sofreu a decadência com as sucessivas invasões dos bárbaros. Mais tarde, no séc. XI, quando recuperava algum do poderio e importância de outrora, foi alvo de lutas e cismas político-religiosos. No

séc. XII esteve implicada nas lutas entre os adeptos do Papa e os do Imperador. Nas guerras da Liga Lombarda com o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico Frederico Barbaruiva, veio a sofrer a destruição (1162). Um autor anónimo redigiu um poema com um diálogo entre um estrangeiro e a cidade destruída⁶⁶. Inquirida sobre as causas da sua destruição, a cidade responde:

Quicquid Theba fuit, quicquid Troiana iuventus

Quicquid Roma potens, rota mendacissima stravit.

Tudo o que representou Tebas, tudo o que foi a mocidade guerreira de Tróia

Tudo o que foi o poderio de Roma, tudo isso a falsíssima roda da Fortuna deitou por terra.

Não são as opções religiosas ou políticas que aqui estão em causa. A responsabilidade pela destruição de uma cidade, seja ela Tebas, Tróia, Roma ou Milão, é imputada à volubilidade da roda da Fortuna.

Portanto, quer o tópicus da cidade florescente, quer o da cidade destruída se encontram presentes na literatura latina medieval. A cidade destruída pode suscitar a composição de uma elegia, mas também pode dar azo a considerações sobre a efemeridade da vida e a natureza transitiva da condição humana. O passado glorioso da cidade gera uma forte nostalgia por épocas definitivamente ultrapassadas.

Se a cidade de Tróia fazia parte de um passado muito longínquo, a nova Jerusalém situa-se no futuro. A imagem da cidade celeste de *Isaías* 54 e 60 e do *Apocalipse* 21-22 inspirou muitos autores. Ela é descrita, por exemplo, aquando da consagração de um novo templo, pois uma igreja é a porta de entrada no paraíso. Nas disputas acerca das vantagens e dos perigos da vida cidadina as alusões à Jerusalém celeste são constantes: será que um mosteiro é a Jerusalém celeste na Terra e a cidade uma espécie de Sodoma e Gomorra, ou uma Babilónia?

No final do séc. XIII e na primeira metade do séc. XIV, os encómios de cidades são mais raros. Onde eles se encontram com relativa facilidade é na literatura de viagens. Não resistimos a seleccionar um exemplo extraído do *Livro de Arautos* (54b) sobre a cidade de Coimbra:

In ista quoque prouincia seu parte regni altera ciuitas episcopalis Colimbria vocata edificata est, que ecclesia valet annuatim sex milia coronarum, in qua ex consuetudine reges coronantur, que fortis et optime situata ac fertilissima extitit; in ista ciuitate sunt plura monasteria et ecclesie in diuiciis habundancia quorum quoddam monasterium vocatum Sancte Crucis ordinis regularium valens annuatim quatuor milia coronarum et ultra edificatum est antiquitus; est in quo pro maiori partes reges humanantur. In eoque parma pendet que dicitur fuisse primi regis christiani Portugalie, qui rex primo ex eodem regno Sarracenos expulit, et in eo Christum Dominum Nostrum adorare fecit; dicitur eciam generaliter quod cum regem dicti regni Portugalie debitum nature sequi contigit quamuis multum sitet illud scutum in dicto monasterio pendens cadit, quo signo decessus regis noscitur. Prope muros istius ciuitatis omnibus necessariis habundantissime quidam

⁶⁶ O texto encontra-se em E. Dümmler, “Gedicht auf die Zerstörung Mailands”, *Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde* 11 (1886) 466-474.

fluuius mansuetus in estate, et in hyeme tempestuosus, nascens in eodem Portugalie regno, fluit. Istius ciuitatis est dux illustris dominus Petrus secundo genitus regis.⁶⁷

Também se levanta nesta província ou parte do reino uma outra cidade episcopal que tem o nome de Coimbra. A sua igreja tem um rendimento anual de 6.000 coroas. É nela que costumam ser coroados os reis. É forte, está bem situada e é muito produtiva. Tem vários mosteiros e igrejas proprietárias de abundantes riquezas; um desses mosteiros é o de Santa Cruz, da ordem dos regrantes, que recebe anualmente 4.000 coroas, a passar, e foi construído em tempos antigos. Nele estão sepultados a maior parte dos reis e nele está pendente o escudo que se diz ter pertencido ao primeiro rei cristão de Portugal, que conseguiu pela primeira vez expulsar os Saracenos deste reino e aí fazer adorar a Cristo nosso Senhor. É voz corrente que quando tal rei de Portugal atingiu o limite dos seus dias, este escudo, embora estivesse a muita distância dele, pendente neste mosteiro, caiu por terra, no que foi um sinal da morte do rei. Junto dos muros desta cidade, farta em tudo o que é necessário, corre um rio manso de Verão e impetuoso no Inverno, que nasce no próprio reino de Portugal. O duque desta cidade é o ilustre senhor D. Pedro, segundo filho do rei.

O autor limita a descrição dos monumentos às igrejas e mosteiros, salientando a categoria episcopal da cidade. Junta-lhes os informes de natureza estatística (os rendimentos quantificados) e sublinha a antiguidade e a importância dos mesmos. Nas igrejas e mosteiros de Coimbra não há relíquias de santos dignas de menção, mas possuem as sepulturas da “maior parte dos reis”. Entre as personalidades que podem contribuir para glorificar a cidade não estão quaisquer cidadãos em particular, mas são mencionados o Duque de Coimbra e os feitos do “primeiro rei cristão de Portugal” e um acontecimento extraordinário ocorridos em Coimbra, relacionados com a sua morte.

O autor faz referência aos muros da cidade, considera-a muito bem situada, localiza-a junto a um rio, que não identifica, mas cuja variação de caudal ele descreve. Sublinha ainda que se trata de uma cidade forte, muito fértil e farta em tudo quanto é necessário.

Encontramos, pois, nesta simples descrição a maioria dos tópicos e das características deste género de composições.

Quanto aos tópicos utilizados ao longo da Idade Média e à frequência com que os poetas o fazem, convém referir que o interesse pela localização e pela descrição física da cidade diminui ao longo dos séculos. Casas e demais edifícios raramente são objecto de análise. Já as igrejas granjeiam cada vez mais importância neste tipo de poemas do séc. VI em diante. Também desde o séc. VI se tornam mais frequentes as referências a santos na qualidade de patronos ou de novos fundadores da cidade. Entre os cidadãos mais famosos ganham a primazia os bispos e demais clero. Os feitos excepcionais dos leigos desaparecem no início da Idade Média e só voltam a surgir durante o Renascimento do séc. XII. Relativamente ao fundador da cidade, a preferência vai para uma associação de natureza etimológica com o nome do fundador.

⁶⁷ Aires Augusto Nascimento, *Livro de Arautos*, Lisboa, 1977, p. 250. A tradução que aqui apresentamos é a de Aires Nascimento.

De um modo geral, no que diz respeito ao padrão descritivo da cidade, podemos distinguir três fases na Idade Média: a poesia medieval primitiva denota um forte contraste entre a Antiguidade romana e a era cristã; no séc. XII, as descrições exprimem uma maior consciencialização de cidadania entre os habitantes dos burgos mais florescentes; no final do séc. XIII, as *descriptions* tornam-se mais pormenorizadas graças à documentação administrativa que se foi avolumando e que constituía uma importante fonte donde os poetas hauriam os elementos necessários à sua inspiração (até as informações de natureza estatística eram aproveitadas pelos autores). Contrariamente ao que viria a acontecer no Renascimento, em que os encómios de cidades eram influenciados directamente pela tradição literária, na Idade Média, eram determinados pelas transformações operadas na cidade.

Em que se distingue o encómio medieval do clássico ou do renascentista?

Relativamente aos encómios de cidades da Antiguidade Greco-romana, a versão medieval revela maior interesse pelo meio ambiente em que a cidade se desenvolve (a água, por exemplo) e pelos aspectos mais prazenteiros da vida cidadina: a festas, os mercados e as tabernas, a água (novamente) como local de encontro, etc. Igrejas e relíquias assinalam o local de eleição divina que é a cidade. Pouca importância se atribui à discussão ou concordância com a opinião de outros autores. Importa sobretudo apresentar longos catálogos ou extensas acumulações de informes (aqui se revelam fundamentais os dados estatísticos), pois a descrição pormenorizada é uma forma de louvor. Já o Humanismo Renascentista há-de preferir a *declamatio* à *descriptio*. Raramente se fará referência ao lado agradável da vida cidadina. Os longos elencos de elementos informativos, tão importantes para reconstituirmos as cenas da vida quotidiana, serão evitados: haverá cada vez menos informação acerca da cidade. As opiniões de outros autores serão objecto de acesa discussão, centrada no desenvolvimento e estudo da ciência e das letras por parte de alguns dos mais famosos habitantes. O autor humanista revelará ainda maior cuidado na selecção vocabular e na expressividade.

Na história daquele ser a quem Prometeu deu vida e insuflou alma com a ajuda da deusa Atena, temos a certeza de que o progresso da cidade foi determinante para o avanço da raça humana. É na cidade que se concentram todas as artes, que Atena ensinar a Prometeu e este transmitira aos homens. Não admira, pois que o homem sinta vontade de celebrar e de immortalizar na literatura esse grande pólo dinamizador de bem-estar social, material e económico que é a dimensão urbana da humanidade.

Além das belas letras, a exaltação da cidade pode encontrar-se, de uma forma mais condensada, nas inscrições em edifícios, em brasões, em fórmulas de documentos notariais, em legendas de mapas ou gravuras de cidades. Nunca são demais as formas de glorificar essa instituição tão antiga e tão importante para a evolução do homem que é a cidade.

